

SRA. DEÍSE AMARGO MAITO: Boa tarde. Sejam todas e todos bem-vindos ao Bate-papo Educadores e Internet. Este evento é correalizado pelo Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação, Cepi, FGV Direito SP e o Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, NIC.br. Ele é voltado para toda a comunidade escolar, principalmente educadores, professores, coordenadores e gestores. As manifestações expressas por integrantes dos quadros da Fundação Getúlio Vargas e por convidados representam exclusivamente as opiniões de seus autores, e não necessariamente a posição da instituição.

Como mencionei na mesa passada, a BNCC estabelece um tratamento transversal da cultura digital, articulando-a com outras dimensões nas práticas que aparece. O nosso cenário atual de pandemia aumentou a presença da Internet e da tecnologia em nossas vidas. E é fundamental que a sociedade debata o uso seguro, consciente e responsável da Internet como ferramenta para o exercício da cidadania, conhecendo a escola, educadores e educadoras como agentes fundamentais neste debate.

Este evento é uma atividade do projeto Formação de educadores em direitos humanos digitais, existente desde 2019, fruto da parceria do Cepi com o NIC.br. É um programa de formação em direitos humanos digitais para educadores do ensino médio e do ensino fundamental 2. O projeto já disponibilizou 16 cursos on-line, gratuitos e autoinstrucionais sobre o uso consciente e responsável da Internet. Acesse o nosso site e confira.

Quero chamar a atenção para o fato de que atualmente o projeto está trabalhando na construção de um repositório de casos sobre direitos humanos digitais, com o objetivo de compartilhar situações envolvendo direitos humanos digitais que acontecem com educadores, estudantes e a comunidade escolar no geral. O repositório contará com exemplos de casos, orientações sobre como agir em situações semelhantes, vídeos com especialistas comentando sobre eles e um guia interativo sobre orientação sobre os direitos humanos digitais. Entre em contato conosco no e-mail do Cepi que disponibilizaremos no chat e faça parte do projeto você também.

Agora, para mediar a quarta mesa do evento, convido a Daniela Costa, que é doutora em educação pela PUC de São Paulo e é coordenadora da pesquisa TIC Educação no Cetic.br, departamento do NIC.br. Seja bem-vinda, Daniela. Fique à vontade para conduzir a mesa.

SRA. DANIELA COSTA: Boa tarde! Obrigada, Deíse. Bom, é com grande prazer que damos continuidade a esse segundo dia de debates em torno da relação educação, direitos humanos e tecnologia. Ontem nós falamos sobre como elaborar e implementar um currículo para a cultura digital. Hoje iniciamos a tarde refletindo sobre o envolvimento da comunidade na formação para a cultura

digital. Agora, neste painel, o trabalho é olhar para esses temas sob um outro ponto de vista. Nós vamos falar sobre como a educação pode contribuir para melhorar a cultura digital, tornando-a mais inclusiva, valorizando diversidade, o potencial de cada um em seu próprio crescimento e no crescimento da coletividade.

Bom, e para nos ajudar a refletir sobre esses pontos, vamos contar com a contribuição de dois especialistas com ampla experiência em educação inclusiva e garantia de direitos humanos. Por ordem alfabética, eu apresento a Eliane Leite, que é diretora da escola técnica estadual Profa. Dra. Doroti Quiomi Kanashiro Toyohara. Professora da rede pública há 27 anos, Eliane se define como uma apaixonada por pessoas, uma ativista apaixonada pela educação por acreditar no seu potencial transformador. Fundadora da Uzoma Diversidade, Educação e Cultura, é palestrante, ganhadora do prêmio educadora do ano 2020 da XP Investimentos, prêmio Mulher Negra Latino-Americana Caribenha 2018. Especialista em gestão estratégica para educação, formada em matemática pela PUC de São Paulo. Conselheira no Plano de Menina, coautora do livro Mulheres que Transformam e líder do Comitê de Educação e do Comitê de Igualdade Racial do grupo Mulheres do Brasil.

Nós temos também nessa mesa Rodrigo Hübner Mendes, que é mestre em gestão da diversidade humana pela Fundação Getúlio Vargas e atua como professor e pesquisador da área da educação inclusiva. Em 1994 o Rodrigo fundou o Instituto Rodrigo Mendes, organização sem fins lucrativos cuja missão é garantir que toda pessoa com deficiência tenha acesso a uma educação de qualidade na escola comum. O instituto desenvolve programas de pesquisa, formação continuada e *advocacy*. Ao longo de sua trajetória, o instituto atendeu mais de cem mil educadores de todos os estados brasileiros e impactou cerca de 1 milhão de estudantes. Seu portal sobre a educação inclusiva, Diversa, oferece uma vasta bibliotecas com referência práticas sobre como acolher as diferenças humanas nas escolas e recebe visitas de várias partes do mundo. Rodrigo é empreendedor social Ashoka e membro do Young Global Leaders, Fórum Econômico Mundial. Desde 2015 trabalha como consultor para a Unesco e para o governo de Angola. É autor dos livros Artes Visuais na Educação Inclusiva e Educação Inclusiva na Prática.

Muito prazer em conhecê-los, Eliane e Rodrigo. Eu lembro que o nosso debate terá uma fala inicial de cada palestrante com cerca de 10 a 12 minutos. E em torno de 30 minutos de espaço para discussões. Então, para vocês que estão acompanhando este painel, contribua para as discussões deixando a sua pergunta para os palestrantes no chat.

Eliane e Rodrigo, eu abro espaço para que vocês possam fazer suas considerações iniciais e eu já aproveito para deixar uma

provocação, que na fala de vocês, vocês tragam um ponto de vista do estado da arte da educação para os direitos humanos nas escolas, com um enfoque especial na relação da educação inclusiva para a cultura digital. Então deixo esse espaço para vocês. Eliane, você gostaria de começar?

SRA. ELIANE LEITE: Começo, sim. Boa tarde a todos, 'todes' e todas. Um prazer estar aqui com vocês. Um prazer ter aceito esse convite. Rodrigo, é um prazer estar com você nesse painel. Minha admiração e meu respeito por você. Como eu tinha falado antes, realmente, ontem, por coincidência, na HBO, passando um documentário contando um pouco sobre a educação inclusiva e mostrando o seu trabalho. Então realmente é uma admiração enorme estar aqui com você e falando da cultura digital e dessa educação inclusiva, não é?

E quando a gente fala sobre isso, né, eu sempre preciso trazer de onde que eu estou falando e como isso faz parte aí da minha trajetória, não é? Como a Daniela já me apresentou, eu sou diretora de escola, sou fundadora da Uzoma Diversidade, então educação sempre esteve aí do meu lado. E quando a gente fala de inclusão e fala de educação, eu sempre penso que tem que ser para todos. Todos precisam estar incluídos, não é? Eu não consigo pensar em uma educação que esteja parte das pessoas fora desse lugar. E nós estamos aí em um momento remoto, desde 2020. As escolas estão trabalhando remotamente. As escolas tiveram que se reinventar. E a gente também não pode falar que foi a pandemia que trouxe isso. Acho que as escolas precisavam realmente... elas trabalham a formação de professores e tiveram que trabalhar um pouco a toque de caixa para esse momento que a gente está vivendo, não é? Então é importante a gente sempre fazer uma diferenciação de que a gente não está no ensino a distância, a gente não está no ensino híbrido, a gente está realmente em uma educação remota que veio a atender esse momento pandêmico que a gente está vivendo.

E, nesse momento, colocamos os alunos em casa, com aula pela Internet, por aula através de plataformas diversas, e eu falo do lugar da escola pública e como (F) falar de inclusão dentro dessa escola pública, como a gente pode falar de inclusão e de mundo digital dentro dessas escolas, não é? A gente tem uma realidade que a gente não pode, por mais que a gente faça esse cenário, e eu vou falar um pouquinho de algumas práticas que a gente tem feito na escola e na escola que eu trabalho, especificamente, e nas escolas técnicas, quais são o diferencial e as experiências exitosas que a gente teve nesse um ano e meio aí a distância.

A gente precisa sempre lembrar que a gente tem mais de 4 milhões de jovens que estão sem nenhum acesso à Internet, que não têm nenhuma conexão, que não tiveram aí, que estão praticamente

fora da escola porque nem todos têm o acesso à Internet. A Internet não é, no país, algo que é um direito de todos, não é? Então a gente precisa hoje pensar na Internet como um direito. E um direito de todos cidadãos, de todos os jovens, de todas as crianças. E pensar na Internet como um direito primordial, principalmente nesse momento que a gente precisa pensar em igualdade e equidade. Porque se a gente está falando de um país como o nosso, que é um país continental, o que a gente faz com esses jovens sem acesso nenhum?

Nós temos aí, lembrando um pouco esse cenário, então, em 2020 nós entramos em um processo de aulas remotas, os professores tiveram que aprender a lidar com isso. E dentro dessa realidade, eu sempre falei e vou falar desse lugar que eu estou, que é da escola pública. Não posso falar da escola privada, nem da situação da escola privada. Dentro da escola pública, a gente tem o aluno também em situação... sem conexão, sem um aparelho que possa fazer essa conexão à Internet de forma melhor e positiva, e também temos os professores que também não tiveram condições e nem Internet. Então a gente está falando em inclusão tanto de aluno, inclusão digital tanto de aluno como também de professor, que muitas vezes não tinham essa Internet, e muitos usavam a Internet da escola ou só tinha o celular, e tiveram que, nesse momento, e acho que os professores foram uma das pessoas que foram extremamente importantes nesse processo de pandemia, porque eles não desistiram dos nossos alunos, eles não desistiram dos nossos jovens e tiveram que dar aula por WhatsApp, tirar cópia de cartilha, tirar cópia de livro para que esse aluno fosse incluído nesse processo todo que a gente teve que é digital, não é? Vamos falar que ele é digital.

E, falando um pouco disso, e esse professor também não tinha formação digital, não é? O professor não tinha formação de Youtuber, ele não tinha formação para lidar com esse processo, porque estar diante de uma telinha de computador, de uma tela é realmente cansativo e a gente precisa pensar, quando a gente fala isso, nos alunos que, com problemas de visão, que também não tiveram nem acesso a essa tela, porque quando foi se colocando a Internet, não se pensou, também, na inclusão desses alunos com problemas visuais, com problemas auditivos, e as aulas aconteceram e estão acontecendo nesse processo todo.

E o professor, que não é Youtuber, precisava usar disso, não é? Porque... essa conexão que foi feita pela tela para atrair esse aluno. Esse aluno que perdeu a sua relação de amigo, a sua relação de colegas, a sua relação de afeto. Porque a gente precisa sempre lembrar que relação de professor, relação de escola é uma relação coberta de afeto, coberta de trocas, cobertas de carinho, não é? Ela é muito viva, ela é muito do contato. Então, nesse mundo todo, nesse mundo digital, a gente teve que trazer essa conexão e esse afeto para o digital, que foi o mais difícil, não é? Que todo mundo, que

acho que ainda todo mundo sofreu muito com isso, não é? O distanciamento social trouxe para a gente problemas referentes a nossa saúde mental, pela falta de contato. O aluno também passou por uma série de problemas também de saúde mental pela falta de contato. E a escola, né, e todo o processo, nesse processo on-line, nesse processo digital, nesse processo remoto, a gente teve que trabalhar com esse jovem e com esse professor trazendo o que tem de mais profundo que é o afeto. Então o mundo, no mundo digital, no mundo remoto, a gente teve que conectar esse ser humano e ter uma preocupação maior com esse ser humano que estava lá do outro lado, que a gente não sabia como eles estavam. Muitas vezes os jovens ficam com as câmeras desligadas, e as câmeras estão desligadas não é... sim, porque também tem uma série de coisas, como é sua casa, onde está, qual é o seu espaço, mas a gente também tem uma questão de que o aparelho celular, ele não permite que ele ligue a câmera e fale ao microfone. Ou é uma coisa ou é outra. Ou é câmera, ou é o microfone ou assiste aula, não é? As três coisas juntas, não é possível ser feita, não é? Não é possível. E ele acaba não se conectando e ficando o tempo todo... E o professor ficou dando aula aí para os avatarzinhos, que a gente fala, não é? Um monte de bolinha, 40 bolinhas no computador, não é?

E a gente sabe, muitas vezes que, para quem dá aula de manhã, para os professores que dão aula de manhã, muitas vezes tem pai que teve um outro comportamento, faz o filho colocar uniforme, faz o filho sentar dentro daquele espaço, porque você não sabe também qual é a condição desse espaço, fez colocar o uniforme, ficar em frente à telinha, mas muitas vezes isso não era possível, até pela condição. A gente sabe muito bem que alguns alunos, a escola ainda tem uma questão da alimentação escolar, que muitos jovens iam para a escola para comer, para alimentar, para a refeição, e às vezes, esse cenário perfeito, de sentar com o uniforme, não eram todos os alunos que tinham, que têm esse acesso e que têm essa possibilidade.

Então a gente tem que trabalhar com essa inclusão, trazendo esse aluno, né, com toda a dificuldade dele, com toda a falta de acesso, fazendo constantemente uma busca desses alunos, uma busca ativa dos alunos. Ter uma equipe de trabalho coesa para que a gente consiga identificar aquele aluno que está fora da sala de aula, daquele aluno que não está conectando na Internet. Então, como você busca? Então um trabalho primeiro que foi feito e que tem que ser feito para quem trabalhou dessa forma remota é trazer essa cura, né, vamos colocar o termo que é a cura do distanciamento e falar para esses jovens e para esse professor que tudo isso vai passar, que a gente estava em um momento. E na escola e todo um trabalho que a gente teve no ano passado foi um trabalho da saúde mental desse jovem, desse professor, entendendo que tudo isso vai passar. Que os

momentos difíceis... são muitas perdas, muitas mortes, muitos alunos que perderam pai, mãe, desemprego, e que a gente tinha que falar que tudo isso vai passar, não é? Que a gente vai conseguir sair desse momento. E incluir realmente, não é? A nossa inclusão é trazer esse jovem para próximo, né, seja via WhatsApp, seja via um outro tipo de contato, e-mail, para que esse jovem se sentisse acolhido e se sentisse na escola ainda. E a escola precisou resgatar, na forma digital, o seu papel, que é o papel de acolhimento desses jovens.

E eu sempre falo que não dá para a gente falar de inclusão, de tecnologia, de mundo digital, de segurança digital que é um fator extremamente importante, porque esses jovens estão... as escolas, como a gente não tem aula EAD, a gente tem uma aula remota. A aula começa 7 horas e acaba 12h50. A quantidade de horas que muitas vezes esse jovem fica dentro... fica na tela de computador, interagindo ou não interagindo, é um problema muito sério que a gente tem, não é? Então trazer esse afeto, trazer isso para o aluno foi fundamental nesse momento.

Na escola foram distribuídos chips, né, nós conseguimos, o governo do estado, nas escolas técnicas, distribuiu chips, mas a gente ainda tem que muitos alunos tinham vergonha de falar que não tinham acesso ao chip ou que onde ele morava ele não tinha... então ele ficava envergonhado de você falar assim: Olha, você tem direito a um chip. Um chip de 20 megas, vai lá. Vamos, vou te dar um chip. Mas ele, muitas vezes, tinha vergonha. Ou ele tinha vergonha até de falar que na região que ele mora, apesar de a gente estar dando o chip, ele não tinha acesso de Internet, porque São Paulo, principalmente, em algumas regiões, não têm nenhum acesso à Internet.

Eu tenho fotos de alunos em cima do telhado assistindo aula. Em cima do telhado, falando: "Olha, Eliane, eu estou aqui conseguindo", manda no 'zap', porque a gente disponibilizou e essa foi a comunicação que a gente teve nesse momento, direta, com todos os alunos, em cima do telhado. Até quando a professora... uma professora atualmente mostrou isso, em cima do telhado, assistindo aula. E aí você fala: Não, querido, sai do telhado. Sai do telhado que a gente vai dar um jeito. Em cima do telhado não é seguro. Mas você percebe que a escola pública, principalmente em algumas regiões mais periféricas, a gente teve que falar para o jovem que ela é a única oportunidade de mudança que ele não poderia abandonar a escola. Então a gente tinha que buscar esse jovem e resgatar esses jovens mesmo com pouco acesso à Internet para que ele continuasse.

Então ter uma plataforma é ótimo, não é? Ter uma plataforma, uma forma digital, mas o que acabou salvando, muitas vezes, foi o WhatsApp. O WhatsApp salvou os nossos alunos porque eles

mandavam as atividades pelo WhatsApp, se fotografava para aquele aluno que não conseguia baixar, muitas vezes, o que o professor mostrava. E aí a gente vai continuar essa conversa aí e tem muitas outras coisas para a gente poder contar. Obrigada.

SRA. DANIELA COSTA: Obrigada, Eliane. Você trouxe questões muito importantes. Especialmente... eu já estou vendo que tem perguntas aqui no chat sobre a questão do acesso à Internet, dessa desigualdade, especialmente em áreas consideradas mais vulneráveis para grupos que demandam mais da Internet e o acesso não chega para eles, não é? Mas a gente vai voltar a falar disso daqui a pouquinho. Agora eu passo a palavra para o Rodrigo. Rodrigo, fique à vontade.

SR. RODRIGO HÜBNER MENDES: Obrigado, Daniela. Prazer participar desse bate-papo. Uma alegria estar do teu lado, Eliane. Eu estava me lembrando aqui da ocasião em que a gente se conheceu, lá no Mulheres do Brasil. É incrível ver teu currículo, quanta coisa você consegue fazer ao mesmo tempo. É mais bacana ver a tua atuação à frente da escola como diretora, né, trazendo um pouco dessa desafiadora realidade que é o que as redes de ensino estão enfrentando. E quando a gente pensa na escola pública, o desafio é gigantesco, não é? E pressupõe compromisso dos gestores públicos. Então, só agradecendo o convite, já deixo aqui um abraço aos amigos da GV.

Eu vou abordar a questão da inclusão digital sob o ponto de vista da minha experiência. Eu estou há 27 anos à frente de um instituto focado na inclusão escolar de crianças e adolescentes com alguma deficiência ou com transtornos do espectro do autismo. Então a gente promove programas de promoção de conhecimento, formação de educadores e também a gente se envolve em ações de *advocacy* nas várias regiões do Brasil. Mais recentemente a gente inaugurou um núcleo de pesquisa sobre tecnologias voltadas para a sala de aula inclusiva. Então antes de falar sobre acessibilidade nesse período da pandemia, acho que vale alinhar alguns conceitos básicos que são alicerces da proposta que a gente considera inclusiva.

Então o primeiro deles se refere às expectativas que a gente cria e transmite para os alunos. Outro dia eu estava lendo uma pesquisa que foi feita no final do século passado, em Nova Iorque, sobre a influência que os professores exercem nos seus alunos. Eles aplicaram um teste de inteligência nos estudantes de uma escola de ensino fundamental e escolheram três alunos que apresentavam desempenho mediano. Na sequência, comunicaram para os professores que esses alunos tinham sido identificados pelo teste como potenciais gênios acadêmicos. Pedindo para esses educadores manterem em sigilo e, depois de algum tempo, os alunos foram testados novamente e justamente esses três apresentavam um

desempenho intelectual fora do comum. Então, resumindo, apesar de os professores não terem dito nada para aquelas crianças e terem dedicado o mesmo tempo para cada uma delas, dois fatores cruciais aconteceram ali. Primeiro a crença que os professores tinham no potencial daqueles alunos foi expressa. Mesmo que de forma não verbal, de forma inconsciente. E, com isso, essas mensagens não verbais foram captadas pelos alunos e transformadas em realidade.

Então, voltando aqui para o nosso recorte, eu tenho defendido que a escola inclusiva precisa igualar oportunidades e perseguir altas expectativas para cada um. Então não importa qual seja a especificidade, o tipo de deficiência, enfim, qual seja o perfil do aluno, não é? E isso também vale agora para o período do ensino remoto, do ensino híbrido. Tenho acompanhado aí de perto várias escolas de São Paulo. Em uma delas, por exemplo, um aluno do fundamental 2, chamado Jonas, antes da pandemia, ele vinha recebendo uma série de apoios da equipe pedagógica para que pudesse participar de todas as aulas, na sala de aula comum, ou seja, juntamente com os demais colegas, e tendo acesso ao mesmo currículo, não é? Que é uma outra premissa da educação inclusiva. E, apesar da necessidade do isolamento social, a equipe continua viabilizando esse conjunto de apoios por meio de uma plataforma digital em que são ali disponibilizadas as atividades, os conteúdos, né, que estão sendo trabalhados. E eles investiram muito no contato diário com o Jonas, promoveram atividades em grupo, ou seja, envolvendo o Jonas e os colegas, tentando reproduzir um pouco essa experiência da escola presencial. E também promovendo o apoio contínuo à família que, como a gente sabe, foi muito impactada diante da necessidade de assumir um papel ampliado no acompanhamento dos seus filhos. Então, reforçando, a aposta, a expectativa sobre o potencial do aluno é um fator-chave, né, e precisa ser nutrida, mesmo no período da pandemia.

Em segundo lugar eu queria destacar a importância de um planejamento pedagógico orientado para atender as diferenças humanas, não é? É evidente que o desafio de não deixar ninguém para trás acaba ganhando uma outra dimensão diante das limitações que estão inerentes aos recursos de ensino a distância, não é? Especialmente em relação acho que à interação social e à construção de vínculos afetivos. Então simplesmente a gente disponibilizar uma série de aulas em vídeos, na Internet e esperar que todo mundo aprenda, acho que é meio que o caminho certo para exclusão de muita gente. Mas, enfim, a gente precisa fazer o melhor nesse período tão inédito. E buscando explorar positivamente esses recursos.

A gente sabe que em todas as partes do mundo está sendo já criada a consciência de que os professores precisam ter em mente essas diversas necessidades e desafios que os estudantes vão

enfrentar. Um aluno com dislexia, por exemplo, ou um aluno que sofre de ansiedade pode sentir constrangido quando chamado para fazer uma apresentação em uma plataforma que precisa abrir a câmera, quando ele precisa se expor visualmente, e é papel do professor conhecer a história de cada aluno e evitar que esse tipo de situação ocorra. Por outro lado, todos os estudantes acabam se beneficiando de ações, de estratégias que são pensadas a partir de um conceito de desenho universal para aprendizagem. Então é o caso de pessoas que preferem utilizar tecnologias que transformam textos escritos em textos falados, ao invés de utilizar leitura convencional. Esse é um recurso normalmente adotado por pessoas cegas, mas pode ser útil também para outros alunos que tenham boa experiência com texto transformado em áudio. O que é desenho universal aprendizagem(F), acho que é importante trazer um pouco dessa conceituação...

Então, esse modelo, ele busca garantir acesso a currículos escolares independente de habilidades motoras, intelectuais e sensoriais dos alunos, ele nasce do novo contexto de educação em que salas de aula, diferentemente do passado, estão cada vez mais marcadas por uma intensa diversidade. Isso, a gente conseguiu, nas últimas décadas, trazer para dentro da escola representantes de todos os segmentos sociais, de todas as origens. Então, partindo do princípio de que existem diferentes formas de aprender, para que todos os alunos tenham acesso ao conhecimento, a gente precisa considerar diferentes formas de ensinar. Então, traduzindo em miúdos, esse modelo, o desenho universal, ele propõe que os educadores invistam tempo no planejamento das aulas e diversifiquem três fatores. Primeiro lugar, o formato dos materiais didáticos, segundo lugar, as estratégias pedagógicas, e em terceiro lugar, as relações que são estabelecidas entre o conteúdo e a vida real do aluno.

Então, a gente está falando, em outras palavras, de diversificar os métodos de apresentação do conteúdo, não é? De como a gente faz a mediação da aprendizagem, e como a gente promove o engajamento dos alunos com os conteúdos curriculares. E para isso é imprescindível que a gente explore essas novas mídias digitais. E, acima de tudo, que a gente aposte também no protagonismo dos professores. Acho que o que a Eliane trouxe dá um pouquinho de luz ao quanto, né, a criatividade e a capacidade de mudar a realidade por parte das equipes pedagógicas está sendo decisiva, para que a gente consiga nesse período, de alguma forma, dar continuidade à educação.

E a busca pela eliminação de barreiras, que é um tema central da inclusão, assume o papel também de pressuposto para que esse planejamento possa ser feito de forma inclusiva. Trazendo um exemplo prático, o nosso instituto, que leva o meu nome, promove

um curso de formação de educadores voltado à criação de materiais pedagógicos acessíveis que podem ser explorados como alternativas ao livro didático impresso, que, por definição, ele exclui, nem todo aluno consegue se relacionar com o livro didático impresso. E a gente atendeu, por exemplo, uma escola de Itaquera, em que a professora do quarto ano estava com dificuldade de ensinar o sistema solar para uma turma que tinha um aluno com deficiência intelectual e outro com autismo. E, ao longo do curso, que bebe muito do universo maker, essa professora criou uma espécie de maquete que ilustra o sistema solar e que facilita muito a compreensão do assunto. Eu acho que um lado da inclusão digital do próprio educador. A gente disponibiliza uma série de equipamentos de laboratórios maker para os professores. E aí esse tipo de recurso facilita a aprendizagem não só do aluno que tem uma deficiência, isso acho que é bem importante sempre destacar, mas facilita a aprendizagem para todo mundo. E o material vira uma ferramenta da escola. Já foram produzidos mais de 60 materiais, que estão publicados no nosso portal. A Daniela tinha citado na introdução, então, quem quiser conhecer o endereço é: diversa.org.br. Tem lá uma biblioteca com esses materiais.

E, com isso, qualquer professor pode acessar lá a página que fala sobre o material e conhecer, por meio de tutoriais, como ele mesmo pode construir e utilizar esse tipo de instrumento na sua escola. Foi falado sobre a BNCC, não é? A gente tem cruzado cada material com a Base Nacional Curricular Comum dando referências sobre como as habilidades que estão abordadas pela base podem ser estimuladas por esse acervo de materiais. Com a pandemia a gente precisou migrar esse curso para o formato remoto, e acabou dando supercerto. O ano passado a gente trabalhou com as equipes das cidades de Cruzeiro, Nova Odessa e Peruíbe. E o desfecho foi surpreendente. Além de terem criado materiais multissensoriais, extremamente inovadores, os professores desenvolveram fortes laços de colaboração. Então, só para ilustrar, a gente trabalhando com uma escola de Peruíbe conheceu o caso de um aluno do primeiro ano chamado Léo. O Léo era surdo e o grande desafio da professora era viabilizar a comunicação dele com os colegas, com os professores e essa barreira aumentou muito durante a pandemia. E, mesmo no isolamento, os professores do Léo, que estavam participando do nosso curso, conseguiram criar um jogo de memória com o objetivo de ensinar Libras, Língua Brasileira de Sinais e a relação com a língua portuguesa através de uma atividade lúdica divertida e possível de se fazer remotamente. O jogo foi disponibilizado para os alunos da turma e acabou gerando um impacto não só nas crianças, mas também nos pais, que passaram a jogar com os filhos, e achando incrível também poderem também aprender uma segunda língua e conversar com o Léo. A gente entrevistou o Léo no final do ano passado e ele disse que não via a hora de voltar para a escola e conversar com os colegas. Então muito bacana ver o quanto os

professores, por meio da ampliação do seu repertório, por meio de conhecimento de novas ferramentas, conseguem, mesmo em uma situação tão nova, encontrar formas de dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem.

Bom, acho que já estou na hora de passar a palavra aqui. Tem várias histórias que eu posso contar ao longo aqui da nossa conversa. Mas, enfim, sejam quais for os desafios que a gente ainda vai ter pela frente, acho que apostar na capacidade criativa, no potencial de protagonismo e na força do trabalho colaborativo, pode ser uma estratégia poderosa para a gente preservar esse insubstituível percurso de aprendizagem de cada estudante sem deixar ninguém para trás. E a questão da formação da criação de uma cultura digital cada vez mais passa também pelos professores. Tem uma pesquisa, deixa eu até pegar a minha colinha aqui, publicada pela TIC, inclusive, no ano de 2019, traz alguns dados interessantes. Bom, segundo esse estudo, em 2019, apenas 14% das escolas públicas urbanas dispunham de plataformas voltadas para o ensino a distância, 24% dos professores ainda não usavam tecnologias como ferramenta de educação e 79% dos professores sentiam dificuldade em usar tecnologia em atividades pedagógicas por falta de cursos específicos sobre o uso do computador e Internet nas aulas. E praticamente todos os relatos, as experiências que a gente tem acompanhado, né, por meio do trabalho de [ininteligível] de boas práticas, mencionam o uso de Facebook, Instagram, WhatsApp. Acho que a Eliane citou um pouco dessa realidade, e plataformas que estão aí cada vez mais presentes na vida das equipes. Então, de fato, parece que as equipes ampliaram significativamente seu conhecimento e acho que sua criatividade, no uso dessas ferramentas. Essa é uma pesquisa publicada pela Cetic, só fazendo um ajuste aqui na minha explicação. E conseqüentemente, né, quando a gente vê o próprio professor criando intimidade, se apropriando dessas ferramentas, isso, obviamente, favorece a criação de uma cultura digital em toda a comunidade escolar. Então, sigo aqui à disposição para a gente interagir com a audiência.

SRA. DANIELA COSTA: Muito obrigada, Rodrigo. Teve uma parte muito boa da sua apresentação que é quando você disse: "Eu tenho muitas histórias para contar de coisas boas que a gente pode fazer, de boas experiências". Porque eu acho que a gente tem muitas dificuldades, muitos desafios e precisa de uma união, especialmente em relação às políticas públicas, um melhor apoio para que a gente possa, realmente, ter essa educação inclusiva, não é? De fato, efetiva, não é? Mas é interessante também a gente trazer essas experiências práticas e que podem ser adotadas pelos educadores, pelos estudantes, pelas comunidades, não é?

E nós temos algumas perguntas. A gente tem várias perguntas aqui, eu vou reunir algumas em bloquinhos. Então, em um primeiro

bloco, sobre os professores. Tanto a Eliene, Eliane, perdão, Eliane, quanto o Rodrigo, vocês falaram bastante sobre esse papel dos professores para essa educação inclusiva. Mas, ao mesmo tempo, como lembram as nossas perguntas aqui, os próprios professores enfrentam muitas dificuldades. Como a gente trabalha, então, essa formação dos professores ou esse apoio aos professores por meio das escolas, por meio das políticas públicas. Enfim, pelos diversos meios de dar subsídios para esse professor para que ele possa fazer um trabalho melhor, mais qualificado na sala de aula com os estudantes? Eliane, se quiser começar.

SRA. ELIANE LEITE: Tá, começo sim. O professor, ele esteve distante dessa formação, porque o professor... assim, eu falo, a minha realidade, de onde eu estou falando, é da escola pública, não é? Era giz, lousa, não é? Giz, lousa, foi o momento todo, depois veio o datashow, e aí ele mudou um pouquinho, saiu do giz e lousa e vai para o datashow, ou vai para o retroprojeto, na época, para quem lembra do retroprojeto e do slide. Então precisa, sim, se investir na formação dos professores para que ele atenda também esse anseio desse jovem, que também pede outras questões. E o estado precisa investir nessa formação docente, precisa se ter... não é? E a escola, por exemplo, a gente tem parcerias aí com várias fundações que fazem formação e qualificação dos professores, não é? A gente trabalha muito com essa formação constante, até nesse momento remoto, a gente está trabalhando com a formação on-line, né, e específica para cada escola. E o professor precisa perder, também, um pouco o medo dessa tecnologia com todas essas dificuldades que ele tem e ouvir muito desse aluno, porque o aluno, ele traz muita novidade, ele traz muitos anseios, não é? Então se você, às vezes, em uma aula, eu sempre falo que o aluno às vezes em uma aula quando você faz uma proposta e você sai, professor, do centro da sala de aula e deixa esse aluno também, faz essa aula invertida, esse aluno também se tornar centro, ele também, mesmo com toda a dificuldade, ele usa o TikTok, ele usa outras ferramentas que o próprio professor desconhecia.

Então a gente está em um processo também, dessa pandemia, que o professor, na verdade está todo mundo aprendendo, acho que como diz Paulo Freire, o aluno aprende, a gente aprende, a gente está aprendendo com o aluno, está todo mundo no momento que todos são aprendentes nesse processo todo digital, não é? E usar esse aluno para que ele colabore com o professor, trazendo quais são as demandas que ele deseja, não é? Então talvez usar mesmo, "Olha, professor, por que o senhor não usa na aula essa ferramenta?", Ou "Por que o senhor não usa esse tipo de atividade?", ou então por que ele não propõe e faça essa troca junto com o professor dessas atividades.

E ouvir, não é? Eu vou falar de uma experiência, um pouco, que eu acho que quando a gente tira também um pouco o professor e põe o aluno como protagonista... Nós encerramos um fórum essa semana, ontem, fizemos um fórum de diversidade, e o fórum surgiu especificamente para um problema que aconteceu dentro da sala de aula, dentro da escola, falando sobre uma temática que acabou causando um desconforto de intolerância religiosa. Então o que a gente faz? Vai lá e fala para o aluno... Então, qual é a proposta? Vamos pensar, vamos tirar de tudo isso um aprendizado, como a gente vai aprender com esse... com tudo isso que aconteceu na sala de aula? A gente precisa aprender, não é? Se não aprender nada, não valeu a pena o desgaste. O que a gente aprende com tudo isso? Aí fala: que tal a gente criar, então, um fórum, vamos fazer um fórum, um fórum de debate, um fórum de diversidade, trazer as temáticas que vocês propõem. Vamos falar de intolerância religiosa, vamos falar de LGBTQIA+, vamos falar sobre racismo, vamos falar sobre feminino. E os alunos, em duas semanas, construíram um fórum, parece(F) um fórum extremamente profissional, para debater. E a discussão partiu deles, não é? Então eles foram trazer esse protagonismo nesses alunos.

Então além de a gente falar, ter essa formação do professor, o professor também precisa muitas vezes saber que ele não sabe. A gente precisa admitir: eu não sei tudo. Não sou obrigado a saber tudo. A gente não sabe tudo, mas como a gente pode fazer essa construção de conhecimento de forma coletiva, não é? Como a gente pode utilizar simuladores? Hoje a gente tem usado muitos simuladores em salas de aula para facilitar essa aprendizagem, que são simulares que muitas vezes que não precisa baixar no computador do aluno, porque a gente tem que pensar, o aluno está com problema de conexão? Vamos tentar sempre buscar alternativas que ele não precise baixar nada da Internet. Porque se ele baixa, ele fica com menos dados, aí fica mais difícil ainda. Então como eu posso fazer um simulador que você não precisa baixar nada da Internet e pode construir? Como a gente pode trabalhar com podcast, que é uma coisa que os alunos adoram, e o professor... que são metodologias que ajudam tanto o professor como o aluno no seu trabalho. E trabalhar com essas formações. E tem muitas, não é? O próprio Rodrigo falou do instituto, e tem fundação Telefônica, Microsoft, que vêm trazendo formações para o professor para que ele possa se adaptar nessa tecnologia e aprender a lidar nesse novo momento.

SRA. DANIELA COSTA: Rodrigo.

SR. RODRIGO HÜBNER MENDES: Oi, Daniela. Eu gostaria de destacar, talvez, três elementos que nos parecem muito relevantes para a questão da formação de educadores. Em primeiro lugar, a gente vem fazendo isso já há 15 anos, com diferentes realidades e

sempre trabalhando em parceria com secretarias de Educação. Acho que em primeiro lugar a clareza de que é papel do gestor, do secretário de Educação, priorizar investimentos em formação de educadores. O diretor da escola, sozinho, ele não consegue promover um processo contínuo se a equipe responsável ali pela política pública daquele território não estiver comprometida e isso não for previsto no orçamento, nas ações estratégias daquela secretaria de Educação. Então, a gente, como sociedade civil, precisa exigir que os secretários, que dispõe de recursos, não é? É bom lembrar que no Brasil, um dos orçamentos mais generosos, enfim, no sentido da política pública é o da educação. Obviamente, que recurso não está sobrando, mas ele existe. E pode ser bem utilizado, por exemplo, com a ampliação da formação dos professores.

O segundo ponto, a gente tem experimentado um formato de educação, de formação de educadores que tem funcionado muito, que é a gente traz para as turmas representantes de três, vamos dizer, perfis da comunidade escolar. A gente envolve na formação um professor, que está na sala de aula, que está ali se relacionando diretamente com o estudante. Participa, na mesma formação, alguém da coordenação pedagógica, alguém que está ali já com um olhar mais do planejamento macro da instituição de ensino. E a gente também, praticamente exige isso como uma condição para o município, né, a gente traz alguém da secretaria de Educação, da equipe técnica para estar acompanhando essa informação. E com isso a gente minimiza o risco desse investimento ser desperdiçado quando só um desses atores recebeu a formação e sente às vezes isolado para que a transformação resultante, né, de uma formação, seja perpetuada, não é? O professor, sozinho, ele não consegue mudar a escola, assim como só um coordenador pedagógico precisa, né, do envolvimento da equipe, e esses atores todos precisam, como eu falei, de subsídios das secretarias de Educação.

Acho que um outro ponto importante, não é? A gente tem no Brasil uma educação especial, que é modalidade(F) do MEC, que pressupõe a oferta de um serviço chamado atendimento educacional especializado. Esse é um serviço pensado justamente para eliminar as barreiras que estão na sala de aula para promover acessibilidade. Ele é desenvolvido por professores com formação nessa temática. E a gente percebe que é fundamental que esses professores também participem das formações. Que eles não recebam formações isoladas, diferentemente daquilo que a gente pensa como educação, como planejamento colaborativo, não é? A ideia é que eles estejam juntos com as equipes da sala de aula comum tanto na situação de formação quanto na situação da rotina escolar para que eles se ajudem e pensem coletivamente em como promover encaminhamentos que resolvam a questão da barreira.

Eu acho bacana o que a Eliane trouxe em relação a envolver também os próprios alunos. A gente tem um programa que a gente desenvolve desde 2013, com o Unicef, também no Brasil inteiro, chama Portas abertas para a inclusão. É um curso de formação, mais com o viés da educação física. A gente aproveitou o momento de Copa do Mundo e Olimpíadas para estimular as equipes a explorarem a educação física de uma maneira diferente, não pautada pela competição, formação de atletas, que são abordagens que excluem, mas orientadas justamente para que todo aluno participe, se divirta, possa estar tendo a experiência da atividade física, seja qual for a sua própria característica. E ao longo, enfim, desse programa, a gente apoiava os professores para que eles criassem ações e implementassem nas suas escolas com esse objetivo de ampliar as atividades voltadas à inclusão. E em muitos dos projetos criados por esses professores, né, o que mais dava certo era levar para o próprio aluno, para a própria turma o desafio, não é? Então, gente, de acordo com a criatividade, com a experiência de vocês, como vocês acham que a gente pode criar uma aula de educação física onde todos vocês participem. E dentro do grupo tinham sempre alunos com alguma deficiência e era incrível o quanto eles mesmo bolavam regras e novas formas de organizar os jogos. A gente tem centenas de exemplos, lá na plataforma Diversa também, de aulas de educação física inclusiva que acabavam levando positivamente essa cultura para as outras aulas, para as outras atividades, a gente promovia uma mudança na escola como um todo. Então acho que a formação focada no educador, ela pode ganhar muito quando ela enxerga o aluno como um potencial agente de transformação da escola.

Tem outro caso que eu estou lembrando de um professor de Belém do Pará que estava com dificuldade de ensinar física. O conteúdo era ótica, a produção de imagens em espelhos planos, um dos alunos era cego, e ele, então, decidiu convocar a própria turma para pensar em alternativas e eles pesquisaram, discutiram e criaram também maquetes que simulavam o que é a reprodução da imagem, não é? Eu lembro que era uma superfície de madeira, com uma placa de acrílico no meio, e nas extremidades dessa base tinham dois bonecos de frente um para o outro e eles conectavam os bonecos por meio de barbantes que atravessavam a placa de acrílico, né, por meio de orifícios. E, com isso, o aluno cego conseguia, pelo tato, entender que o espelho gera uma imagem equidistante, não é? Como se ele percebesse, ali, pelo toque nos dois bonecos, como isso se dá em termos de fenômeno físico. Então só mais um exemplo do quanto a gente pode ganhar quando a formação, ela envolve também, né, o próprio aluno.

SRA. DANIELA COSTA: Bom, falando em aluno, a gente tem algumas perguntas aqui que versam sobre como incluir esse aluno agora neste momento de pandemia, mas também pensando no pós-

pandemia, não é? Então, algumas pessoas que estão aqui assistindo colocaram questões como: como a gente adapta esse ensino para os alunos que vivem nas periferias, nas áreas rurais, né, nas comunidades. E uma pergunta que é um pouco mais específica para o Rodrigo também, que é como trabalhar com esses alunos com deficiência de forma digital, não é? Nesse momento, o ideal seria uma parceria mais profunda com o AEE, mas como viabilizar isso, Rodrigo? Então Eliane e Rodrigo, mais uns cinco minutinhos para essa resposta, e depois a gente já passa para algumas considerações finais, acredito.

SRA. ELIANE LEITE: O que a gente precisa, né, nesse momento de pandemia, falar assim, em termo(F) de escola e direção e... é vivendo tantas situações e alunos com depressão, com professor, e uma série de coisas, a gente precisa entender que aquela escola que a gente viveu em 2019, ela não é igual, não é? O aluno... E a gente está tentando sempre trazer uma questão que é igual e não é igual.

Os alunos que são... como a pergunta é: como a gente vai fazer com esses alunos que são de periferias, com pouco acesso. Depois da retomada, né, de a gente voltar ao presencial, a gente vai ter que resgatar esses alunos. A gente vai ter um trabalho muito grande de trazer esses alunos para a escola e sempre com esse olhar, né, como eu falo... por isso eu falo que eu sou uma ativista, e como a educação, ela é transformadora, e como a educação é a única arma que a gente tem para mudar uma realidade de país e de mundo. E o tempo todo, a gente precisa estar falando, é quase um mantra, de como a educação pode fazer a transformação que a gente tanto sonha e espera. Então acho que esse é um caminho, só para a gente tirar um pouco, que a gente não está vivendo no mesmo processo.

A gente tem um segundo processo, como falou: como a gente vai fazer com os alunos em regiões mais periféricas, mais ribeirinhas? A gente deveria usar... aí agora é uma questão até de políticas públicas, não é? São Paulo tentou pela programação nas televisões. Esse é o acesso. O acesso que deveria ser remoto, se a gente tem uma realidade de país onde a conexão de Internet não é para todos. E a gente precisa fazer... Não é para todos. As partes(F) para a realidade que a gente tem uma situação de desigualdade, né, que quem tem que investir são políticas públicas para garantir que o acesso à Internet, que o acesso ao 5G sejam para todos, não é?

Tem aí projetos que estão no Senado, que estão na Câmara dos Deputados, a 3477, e outros projetos que garantem a conectividade, que a gente precisa olhar nesse cenário de qual é o nosso papel, como sociedade, para que esses projetos sejam aprovados, para que a gente possa garantir uma melhor formação para os nossos alunos, que a Internet realmente seja uma realidade dentro das escolas.

E a gente tem uma questão também de usar nas regiões, a gente tem experiências excelentes de regiões que usaram rádio como... na formação desses alunos que estão em regiões mais ribeirinhas. A gente precisa usar a televisão para esses jovens. Usar o WhatsApp, que a gente usou muito pouco. Eu vi pouquíssimas plataformas que a aula acontecia pelo WhatsApp para garantir mais ainda o acesso para os alunos que têm dificuldade de conexão. Então, nesse momento, é isso o que a gente vai ter que fazer, é isso que a gente tem que olhar, para esses jovens. E depois, sim, fazer essa busca para que esses jovens voltem para a escola. A gente não pode perder esses jovens, a gente não pode deixá-los fora da escola. Acho que esse é um fator fundamental que a gente precisa olhar nesse momento, que precisa ter agentes públicos, né, o poder público, as empresas de telefonia precisam estar garantindo esse acesso. Porque a gente vai passar por outros processos, talvez, de pandemia, ou de distanciamento e a escola precisa, na verdade, sair, fazer essa transformação e essa evolução para a era tecnológica. A escola precisa, ela não dá para ser escola do século 19, como a gente viveu tanto tempo. Mas para isso, o poder público precisa olhar para isso com cuidado.

SRA. DANIELA COSTA: Obrigada.

SR. RODRIGO HÜBNER MENDES: Então, ouvindo aqui a Eliane, eu estava... me lembrei de uma história muito inspiradora da Secretaria de Educação de Serra Grande do Norte, é uma cidade no interior do Rio Grande do Norte, que no ano passado decidiu justamente usar a rádio da cidade, chamada rádio Princesa da Serra para que os professores conseguissem manter contato com os alunos, não é? A maioria deles, enfim, não tinha acesso à Internet. E o programa ganhou o nome de Educação na quarentena, era transmitido todos os dias, então, fazia com que o radinho à pilha voltasse a ser uma tecnologia importante no âmbito da educação. E eu fui ler sobre essa história e descobri que o Rio Grande do Norte, ele foi o berço das primeiras escolas radiofônicas no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, como a cidade de Natal foi escolhida para ser uma base militar dos Estados Unidos, ou seja, interessante pensar que ensino a distância já existia naquela época. E lembrando que o ensino a distância, como eu falei, não pode ser uma resposta, não pode ser visto como uma resposta definitiva, né, mas como um complemento ao amplo conjunto de experiências presenciais que são desfrutadas pelo aluno no cotidiano da escola.

Sobre a questão específica dos estudantes com deficiência, não é? Algumas questões precisam sempre ser lembradas: primeiro lugar, esse público tem direito de acessar o mesmo currículo que os demais alunos e de desfrutar das mesmas interações. Então, todo o tipo de apoio necessário pensado para esses alunos, ele precisa sempre ser tratado como uma atividade complementar e não substitutivo. Então,

os alunos, mesmo na plataforma digital, mesmo no ensino a distância, né, devem estar lá participando com os demais, e as equipes precisam, juntamente com o professor do AEE, como Daniela reforçou, buscar formas de minimizar, de eliminar as barreiras. Eu tenho um amigo que tem síndrome de down, ele teve a chance... hoje ele já está no ensino superior. Ele estudou em uma escola comum do bairro e uma das coisas que ele me conta que ajudava muito era a equipe ser mais flexível na quantidade de exercícios que eram passados para ele e no tempo que era dado para que realizasse exercícios. Ele tem uma deficiência intelectual e, enfim, uma série de outras alterações que foram feitas na forma como a aula era planejada. E ele passou no vestibular de duas faculdades e está hoje estudando pedagogia. Então é muito importante que os professores busquem flexibilizar, busquem ser mais inovadores, busquem dar alternativas para que o aluno se aproprie, se relacione com aquele conhecimento não impondo um padrão, não impondo uma única forma, um único percurso, né, de conhecimento, de apropriação de um determinado conteúdo.

As aulas, conforme eu tinha comentado, elas precisam prever essas diferentes alternativas no formato do material, na forma como a mediação é feita e como o professor promove o engajamento. A questão da acessibilidade, quando se pensa em áudio visuais, não é? Quando o professor usa um determinado material, por exemplo, uma imagem, não é? Se existe naquela turma um aluno com deficiência visual, esse professor precisa estar atento e fazer a descrição daquela imagem, não é? Estar preocupado para que aquele aluno consiga acompanhar o que está acontecendo. No caso de vídeos, buscar vídeo que tenha legenda e janela de Libras, na verdade, para os alunos que tenham deficiência auditiva. E também tem o recurso da audiodescrição, cada vez mais comum, também, para os alunos com deficiência visual.

Eu acho que se a gente leva essa consciência de que no momento do planejamento a equipe precisa lembrar do perfil de cada aluno, e, com isso, buscar coletivamente criar soluções, a gente vai, de fato, permitindo que aquela escola, aquela instituição encontre formas de promover acessibilidade, não é? Garantir o direito de aprendizagem de todo mundo. E por meio da tecnologia, acelerar o processo de se eliminar as barreiras e aí acho que a cultura digital, mais uma vez, pensada para o educador e não só para o aluno pode fazer uma enorme diferença.

SRA. DANIELA COSTA: Muito obrigada, Eliane e Rodrigo. Nós estamos com o tempo... para variar, sempre quando tem um painel interessante, o tempo corre muito rápido, não é? Então nós estamos com o tempo já bem quase estourando. Mas eu consegui um minutinho para cada um de vocês fazer aquela fala final, aquela

mensagem para os estudantes, para os educadores que estão nos assistindo aqui. Então, por favor, Eliane. Um minutinho.

SRA. ELIANE LEITE: Um minutinho, tá bom. A gente tem aí um desafio, não é? Um desafio grande. A gente tem profissionais de educação que estão fazendo um trabalho fenomenal. E temos uma juventude com muito potencial, com muita vontade de fazer. E a gente precisa olhar para essas crianças, para esses jovens e garantir a todos eles um acesso à educação, um acesso à educação com qualidade, um acesso à conexão. Acho que esse é o nosso desafio. E todos nós, como sociedade civil, precisamos buscar e trabalhar para que isso aconteça. A gente tem um país que tem muito potencial e muitas coisas podem ser transformadoras e toda a sociedade entender o seu papel. E o papel de que todos precisam estar incluídos quando a gente fala em educação, todos. Todos precisam ter direitos e todos precisam garantir esses direitos para as nossas crianças e para os nossos jovens.

Obrigada pelo convite. Mas não tenho muito mais para falar. Muito obrigada, Rodrigo. É um prazer imenso estar com você. Prazer, mais uma vez, Daniela, estar com vocês. Obrigada.

SRA. DANIELA COSTA: Rodrigo. Um minutinho.

SR. RODRIGO HÜBNER MENDES: Cada vez mais eu enxergo, Daniela, a inclusão como uma mudança de estágio civilizatório mesmo. Os países que apresentam acho que os melhores índices de desenvolvimento humano, não por acaso acho que enxergam essa pluralidade como uma riqueza e buscam medidas para reduzir desigualdade. Então eu acho que conforme a escola vai se tornando um espaço que abraça a diversidade, né, a gente mira o nosso leme para uma sociedade que não vai mais aceitar abismos sociais, onde todo mundo vai ser de fato tratado como igual. Então a gente tem quase que um slogan que a gente vem usando lá no instituto que é a ideia de que o mundo vai melhorando conforme a escola inclui todos. Então, obrigado pela participação, Eliane. Espero que a gente se veja em breve. E também reforço os parabéns que ela deu aos educadores pela incrível capacidade de resiliência, de superação, de inovação que vêm demonstrando.

SRA. DANIELA COSTA: Muito obrigada, Eliane. Muito obrigada, Rodrigo. É um prazer enorme conhecer vocês. Vocês já estão convidados para fazer parte do grupo de especialistas da pesquisa TIC Educação que eu coordeno no Cetic. Eu agradeço também a atenção de todos aqueles, todos, todas, 'todes' que estão assistindo, não é? E agradeço também às equipes do NIC e do Cepi pelo convite, pelo apoio na condução deste painel.

Eu gostaria de lembrar a quem está assistindo, né, que esse bate-papo fica gravado, está disponível no YouTube. Então, por favor, disseminem, porque esse painel, as discussões aqui são muito

importantes, elas precisam chegar a mais pessoas que não puderam, talvez, estar aqui hoje, tá ok?

Muito obrigada, uma ótima tarde para vocês. E vamos lá pela educação. Ela é que é o nosso principal caminho e é onde a gente realmente... a gente vai conseguir melhorar as condições para todos e todas e, enfim. Muito obrigada!